

Culto de Prosérpina

(No Alto-Alemtejo, na epocha luso-romana)

O Sr. Victorino de Almada, descrevendo no seu copioso dictionario intitulado *Concelho d'Elvas*, vol. II, o Museu annexo á Bibliotheca Municipal de Elvas, publica a pag. 279 a seguinte inscripção que lá existe num cippo,

LIBII

RAII

provindo da herdade de Revelhos, concelho de Arronches. Na pedra não falta letra nenhuma, como tive occasião de verificar quando ha annos estive no Museu elvense.

Aquella inscripção deve interpretar-se LIBERAE, pois é muito vulgar o uso epigraphico de II por E¹; *Liberæ* é o dativo de *Libera*, um dos nomes da deusa Prosérpina, e significa por tanto: *A Libera*, i. é, «consagrado á deusa Libera ou Prosérpina». Póde parecer estranho assim um simples nome divino, desacompanhado do nome do dedicante, e das fórmulas de consagração; mas conhecem-se varios outros exemplos analogos a este.

*

No mesmo livro e página publica o Sr. Almada mais duas inscripções, mas incompletas, providas da herdade da Fonte-Branca, e pertencentes ao Sr. Luis Lucio Lopes do Couto, em cuja casa tive occasião de as examinar ha annos em companhia do referido auctor do *Diccionario* e do Sr. Antonio Thomás Pires.

As duas inscripções são difficeis de ler, por estarem bastante gastas as letras.

De uma creio que se lê:

PROSERP

TONCIVS

ANDAI...

V·A·L....

¹ Vid. numerosos exemplos in *Corp. Inscr. Lat.*, Suppl., pag. 1180.

Na 1.^a linha não falta letra nenhuma, e supponho que se lê PROSERP, abreviatura de *Proserpinae*.

A 2.^a palavra deve ser TONCIVS ou TONGIUS, que apparece noutras inscripções de Portugal: vid. *O Archeologo Português*, p. 227.

A 3.^a palavra é muito duvidosa; talvez seja ANDAI[TIAE], que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 454. Cfr. *O Archeologo Português*, pag. 231.

Na 4.^a linha falta a última letra, que deve ser S(*olvit*) ou P(*osuit*), para completar a conhecida fórmula V(*otum*) A(*nimo*) L(*ibens*).

O sentido será pois:

Tongio, filho de Andaitia (?), *cumpriu de boa mente o voto feito a Prosérpina.*

Eis a outra inscripção:

DEAE PROSER
PINAE H.....
RVSTRI VLAP

Nas duas primeiras palavras não ha dúvida nenhuma. As quatro últimas letras tambem não ha dúvida que significam V(*otum*) L(*ibens*) A(*nimo*) P(*osuit*). Entre o E e o H parece não ter havido mais letras. Á cêrca das restantes letras não me atrevo a decidir, até proceder a exame mais circunstanciado do que aquelle a que procedi.

O Sr. Lopes do Couto prestaria grande serviço ao Museu Municipal elvense consentindo que as duas pedras fossem para lá transportadas.

*

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 143-145, transcrevem-se tres inscripções de Prosérpina, dadas como existentes em Villa-Viçosa. Consta que a de n.º 143 fôra achada, segundo nota o Sr. Hübner, no aro de Elvas; todavia o illustre archeologo suspeita que esta attribuição a Elvas seria devida ao facto de na mesma inscripção o nome do dedicante ser Q. HELVIUS *Silvanus*, tendo querido achar-se parallelismo entre HELVIUS e ELVAS. As tres inscripções que transcrevi mostram que não ha motivo para duvidar da attribuição da inscripção n.º 143 ao aro elvense. É provavel que as outras inscripções (n.ºs 144 e 145) de Villa-Viçosa tivessem a mesma procedencia.

*

Em todo o caso, e a despeito da difficuldade da leitura em duas das inscripções transcriptas, conclue-se que, na epocha luso-romana, a infernal Prosérpina possuia santuarios no Alto-Alemtejo, onde recebia culto muito vivaz. Naturalmente aqui Prosérpina identificava-se tambem com Adaegina ou Ataegina, nome barbaro de uma deusa, cujo culto, a julgar do texto de várias inscripções romanas, publicadas no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.*, se estendia por uma área bastante extensa, na bacia do rio Ana (Guadiana).

J. L. DE V.

Antigualhas das proximidades de Lisboa

Nem calarei antigualhas, que por suas cans, e longos annos, não somente agradam aos olhos, mas eriam no animo graves e doces considerações.

G. ESTAÇO, *Varias antig. de Port.*, prol., § 9.

Quando o trabalho de gabinete ou outros me deixam livres os domingos, emprego-os ás vezes em fazer excursões pelos arredores da capital, a fim de colher elementos para os meus estudos.

Vou aqui reunir as noticias archeologicas que tenho assim obtido, juntando-lhes outras provindas de diversas fontes. Não seguirei ordem topographica nem chronologica, pois estes artigos não passam de meros apontamentos.

1. Ruinas romanas da Malveira de Cascaes

A Malveira é um logarejo situado perto da Serra de Cintra e do mar, no concelho de Cascaes. Divide-se em dois logarejos secundarios: Malveira-de-Baixo e Malveira-de-Cima.

Estive lá com varios amigos em Maio de 1895.

Não encontrei vestigios de castros, nem antiguidades prehistoricas; comtudo o povo conhece as «pedras de raio» ou «coriscos», o que prova o apparecimento de machados neolithicos.

Tendo procurado rastos de outras antiguidades, isto é, «coisas do tempo dos Moiros», que é a linguagem que o povo entende melhor, vim a saber que ao pé da Malveira, no *casal do Barril*, havia um